



Foto: Paulo Maia



1ª PARTE

- 6__ Apresentação
- 7__ O que é Patrimônio?
- 9__ O que é Educação Patrimonial?

2ª PARTE

- 10__ Lagoa de Itaenga
- 10__ História

BENS:

- 12__ Cavalo Marinho
- 14__ Repente
- 18__ Maracatu
- 22__ Festas Religiosas
- 24__ Carnaval
- 26__ Feira Livre
- 30__ Rezadeira



APRESENTAÇÃO

A presente publicação é fruto de uma pesquisa empreendida em quatro municípios de Pernambuco (Angelim, São João, Lagoa de Itaenga e Paudalho), sendo requerida pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) como medida de mitigação, no âmbito do licenciamento ambiental federal referente à implantação das Linhas de Transmissão de 230 kV e 500 kV, associadas ao Lote L-Leilão ANEEL 004/2011 da empresa Interligação Elétrica Garanhuns S.A (IE Garanhuns). Contratada pela referida empresa, a Associação Respeita Januário percorreu, durante mais de um ano, os referidos municípios, conhecendo e registrando as manifestações e práticas culturais neles existentes, por meio da observação direta e das conversas com representantes dos saberes populares locais. Apesar das diferenças e singularidades presentes nos quatro municípios, foi possível perceber que estes apresentam algumas semelhanças. Todos possuem importantes manifestações tradicionais, que revelam a riqueza da sua cultura e a criatividade de seu povo. Todo esse patrimônio cultural é parte de um saber viver popular, de uma gente que celebra, cria, inventa, apesar da luta cotidiana, dos contrastes socioeconômicos e do desenvolvimento desigual na região. A publicação ora apresentada pretende mostrar parte do que foi registrado durante a pesquisa, na certeza de contribuir para a valorização e conhecimento dessas práticas e desses saberes. Nossos agradecimentos a todos e todas que gentilmente abriram as portas, cedendo parte do seu tempo para falar das suas tradições, celebrações, histórias, lutas e mobilizações. Somos extremamente gratos pela confiança, sobretudo por partilharem conosco suas dificuldades, mas também seus sonhos e aspirações. A estes homens e mulheres, meninos e meninas, dedicamos esta publicação.

Sandro Guimarães de Salles
Coordenador da Associação Respeita Januário

PATRIMÔNIO CULTURAL

A palavra patrimônio tem sido empregada com diferentes significados. Pode significar os bens materiais, como uma propriedade, por exemplo, que uma pessoa ou um grupo possui. Mas quando falamos em patrimônio nacional, nos referimos a algo coletivo, que pode ser material ou imaterial. São considerados patrimônios materiais, por exemplo, obras de arte, edificações e monumentos históricos (igrejas barrocas, fortes, casas-grandes etc.), entre outros, que possuem um significado histórico ou artístico relevante para o povo brasileiro. Esses bens, uma vez considerados oficialmente como patrimônios, o que no Brasil é feito pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), são tombados, ou seja, passam a fazer parte do conjunto de bens patrimoniais preservados pelo Estado. Do mesmo modo, são considerados patrimônios da humanidade os bens que possuem um valor histórico ou artístico para os seres humanos em todo o planeta. Os bens considerados imateriais, como festas tradicionais, saberes populares e diversas práticas culturais, como a capoeira, o ofício das parteiras, a música dos repentistas, entre outras, só passaram a ser reconhecidos como patrimônio cultural nacional mais



recentemente. O problema é que, desde a década de 1930, o Estado brasileiro só considerava patrimônio nacional os bens materiais de excepcional valor histórico e artístico, reproduzindo uma tendência predominante em todo o ocidente, na qual a concepção de patrimônio esteve ligada aos bens representativos das classes dominantes, detentoras do poder. A partir dos anos 1970, essa concepção, por servir única e exclusivamente às classes dominantes, passa a ser questionada. Surge, então, uma nova concepção de patrimônio – resultado de diversas ações da sociedade civil, organizada em movimentos sociais –, que passa a considerar os bens representativos da diversidade étnica e cultural do país, incluindo também os bens de caráter imaterial. Estes são definidos pela Constituição Federal de 1988 como “portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira”. Doze anos mais tarde, com o Decreto-Lei 3.551 de 04 de agosto de 2000, é instituído o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial e criado o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial. No mesmo ano, o IPHAN cria o Inventário Nacional de referências Culturais (INRC), com o objetivo de registrar e salvaguardar o patrimônio cultural imaterial do povo brasileiro. Com o protagonismo dos bens de caráter imaterial, diversas manifestações culturais antes consideradas pouco relevantes pelas autoridades e elites do país, como a capoeira, o samba de roda, o ofício das parteiras, o maracatu, entre outras, ganham visibilidade, passando a ser reconhecidas como patrimônios culturais do povo brasileiro.

CONHECER PARA PRESERVAR

A Educação Patrimonial parte da ideia que devemos conhecer para preservar, isto, contribui para o processo de investigação, ir em busca do desconhecido ou do que pensamos que não conhecemos. Com esta proposta nos lançaremos a entender como os bens culturais são importantes para construção das sociedades contemporâneas.

É importante que a comunidade escolar se aproprie das ações patrimoniais, para que se tornem agentes multiplicadores, contribuindo para a salvaguarda do patrimônio material e imaterial, na preservação dos saberes e práticas, que são tão importantes para o seu reconhecimento. Desta maneira, nossa cartilha tem por objetivo apresentar os bens culturais, assim como sua importância, tomando como referência os mestres e brincadores da Cultura Popular dos mais variados brinquedos, que representam os bens culturais, e contribuem para a preservação do Patrimônio Cultural.



LAGOA DE ITAENGA

O município de Lagoa de Itaenga está localizado na Zona da Mata Norte de Pernambuco e faz limite com as seguintes cidades:

Norte Carpina e Lagoa do Carro

Sul Glória do Goitá

Leste Paudalho

Oeste Feira Nova e Limoeiro

HISTÓRIA

O nome Lagoa de Itaenga é de origem indígena. De acordo com informações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Itaenga significa “fala da pedra” (ita = pedra + nheenga = fala), então, Lagoa de Itaenga significa “Lagoa do eco”. E, quem nasce em Lagoa de Itaenga, chama-se itaeguense. O município faz parte da Zona da Mata Norte, região que, desde a época da colonização, desenvolveu-se a partir da economia dos canaviais, mas os primeiros habitantes foram os índios. Como Lagoa de Itaenga era um distrito de Paudalho (antes se escrevia Pau D’Alho), acredita-se que os Índios Tabajaras, ocupantes das terras paudalhenses, também povoaram as terras hoje chamadas de Lagoa de Itaenga. Com o passar do tempo, os engenhos e latifúndios (grandes extensões de terra) formaram aglomerados de famílias formando o distrito de Lagoa de Itaenga, o qual pertencia a Paudalho até o ano de 1963. Assim, no dia 20 de dezembro de 1963, Lagoa de Itaenga tornou-se município pela Lei Estadual de nº 4.966. Nesse período, tinha como povoados principais Camboa e Usina Petribu e, da época de seu povoamento até os dias atuais, a principal economia da região vem dos canaviais e usinas que empregam várias pessoas do município.

Foto: Glaucio Machado





CAVALO MARINHO

O cavalo marinho é uma “brincadeira” ou “brinquedo” da cultura popular, predominantemente associada às festividades do ciclo natalino de localidades da Zona da Mata e, em menor proporção, de algumas áreas urbanas, presente sobretudo nos estados de Pernambuco e da Paraíba. Assim como outras manifestações da cultura popular, o cavalo marinho costuma apresentar ao mesmo tempo uma série de elementos de música, dança, teatro e poesia.

A partir destes elementos, seus participantes apresentam uma encenação que reúne elementos sagrados e profanos. Durante suas apresentações - que podem durar uma noite inteira - um grupo, denominado de “banco”, fica responsável pela execução musical da brincadeira, com instrumentos como a rabeça, o pandeiro e o ganzá, enquanto outras pessoas se revezam para assumir diferentes personagens.

Dentre as figuras, o chamado “Capitão” assume um papel central na brincadeira. Mas pode haver também mais de setenta outros personagens, como o Bastião, o Mateus, a Catirina, a velha, o boi, a burra calu, o cavalo marinho, além de figuras do universo religioso do culto à jurema, como o chamado “caboclo de arubá”. As canções executadas, muitas vezes, fazem referências a figuras do catolicismo popular, como o menino Jesus e Maria, e um dos pontos altos é justamente o baile oferecido pela personagem do Capitão aos Santos Reis do Oriente, quando se executa a chamada “Dança de São Gonçalo”. No decorrer das apresentações, os integrantes executam também uma dança com movimentos de pernas extremamente ágeis, chamados de “trupé”, e interagem uns com os outros e com o público, chamando pessoas a entrar na roda e estabelecem uma relação de troca permanente entre o público, o que torna muito tênue a separação de quem assiste e quem participa da brincadeira. Durante muito tempo, o cavalo marinho, assim como outras manifestações da Zona da Mata, era uma brincadeira quase que exclusivamente ligada aos terreiros dos antigos engenhos.

Atualmente, entretanto, a brincadeira do cavalo marinho passou por modificações e é realizada em palcos, durante apresentações contratadas pelo Poder Público.



Foto: Glauco Machado

Apesar de suas diferenças ao longo do tempo, esta brincadeira continua sendo uma importante forma de expressão do patrimônio cultural do povo brasileiro. Conhecer e compreender esta manifestação são elementos fundamentais para valorizar sua riqueza.



REPENTISTA

O repente de viola, também chamado de “cantoria de viola”, “repente” ou apenas “cantoria”, é uma expressão da cultura popular em que os chamados “repentistas”, violeiros”, “cantadores” ou “poetas” demonstram toda sua habilidade, criatividade e “ciência”, compondo versos musicados, de forma muitas vezes improvisada, a partir de métricas (divisão de estrofes e sílabas) e motes (temas) pré-definidos.

Para a realização de suas cantorias, os repentistas utilizam uma viola com sete cordas de aço, ou violão, para acompanhamento melódico de suas composições, e costumam se apresentar em dupla, com o apoio ou mesmo em disputa com mais um parceiro.

É importante ressaltar, entretanto, que apesar dos termos “repente” e “cantoria” serem utilizados de um modo geral como sinônimos, tais palavras podem significar práticas de alguma forma diferentes.

O termo “repente” pode ser utilizado, de maneira mais específica, para tratar do processo de composição a partir do improviso, enquanto que a palavra “cantoria” pode ser usada para as apresentações a partir de composições previamente criadas, de forma não improvisada, utilizando os demais elementos da arte do repente.

O termo “cantoria” também remete à noção de “celebração”, quando há o encontro de violeiros para execução do repente em diferentes localidades, nos sítios, em bares ou residências na zona rural, em áreas urbanas ou em festivais organizados pelo poder público. As apresentações quando são realizadas nos sítios ou nas casas da zona rural, por exemplo, costumam ser conhecidas como “cantorias pé de parede” ou “cantoria de bandeja”. Nestas ocasiões, os violeiros costumam ser convidados ou solicitar ao responsável pela propriedade rural para organizar o evento naquela localidade. Esta é considerada uma forma de cantoria mais tradicional.

Os repentes de viola, quando são realizadas em um bar da zona rural ou nos centros do município, com um caráter um pouco mais profissional, com o recebimento de cachês anteriormente acordados ou do apurado doado pela clientela do estabelecimento comercial, costumam ser chamados “cantorias pé de barraca”.

Por sua vez, nas ocasiões em que estas atividades são organizadas ou apoiadas pelo poder público, configurando uma espécie de espetáculo em que há uma disputa entre os participantes e oferecimento de premiação aos vencedores, a partir de



critérios estabelecidos por uma comissão julgadora, costumam ser chamadas de “desafio” ou “festival”.

Apesar de suas diferentes formas, pode-se dizer que o repente é uma das expressões da chamada “poesia popular”, a exemplo da literatura de cordel. Em seus diversos estilos, os repentistas costumam se apresentar para um público, que participa ativamente das cantorias, sugere motes, torce para um ou outro poeta em desafios e, muitas vezes, contribui financeiramente com a arte dos cantadores.

A cantoria é uma importante forma de entretenimento em algumas localidades na zona rural e no território urbano. A partir desta arte, além disto, é possível compreender um pouco do universo dos cantadores e das práticas e sentidos associados ao contexto social, político, cultural e econômico no qual estamos inseridos. Desta maneira, a poesia do repente se revela como uma importante forma expressão da criatividade, identidade, diversidade cultural de nosso povo.



Fotos: Paulo Maia

Bio Caboclo







MARACATU DE BAQUE SOLTO

O Maracatu de Baque Solto, também chamado de “Maracatu Rural” ou “Maracatu de Orquestra”, é uma importante expressão cultural na qual estão associados elementos de dança, música, poesia, arte, sociabilidade, identidade, religiosidade, brincadeira, sonho, imaginação e fantasia de grupos sociais, que têm contribuído imensamente para a riqueza e a diversidade do povo brasileiro. É difícil precisar com exatidão a sua origem, mas costuma-se associar a história do Maracatu de Baque Solto aos tradicionais divertimentos dos trabalhadores dos antigos engenhos da Zona da Mata Norte Pernambucana. Nos momentos de festa e de folga da dura lida nos canaviais, grupos sociais de diferentes localidades e etnias se reuniam para “sambar” nos terreiros dos engenhos trazendo suas tradições, crenças, criatividade, tensões e formas de brincar, de viver e de ver o mundo. Como qualquer manifestação cultural, o Maracatu de Baque Solto passou por transformações ao longo do tempo. Em alguns momentos, essas mudanças foram consequências dos desejos e da criatividade de seus próprios integrantes. Em outras situações, foram o resultado da relação e embates com outros atores sociais, como o Poder Público, os intelectuais, a indústria cultural e o turismo. Ao longo do tempo, o Maracatu de Baque Solto se tornou mais conhecido como um “brinquedo” de carnaval que apresenta aspectos que, quase sempre, podem ser observados entre os diferentes grupos.

Apesar de haver uma enorme diversidade de maracatus e inúmeras diferenças entre as agremiações, se observa algumas características gerais. Nos dias de Momo ou nas apresentações oficiais, seus integrantes ou “folgazões” costumam sair às ruas vestidos de com suas indumentárias ou “arrumações” multicoloridas, representando figuras do imaginário e/ou do universo sagrado da brincadeira. São eles o “caboclo de lança”, o “caboclo de pena” ou “areiamá”, o “mateus”, a “catita”, as “baianas”, dentre outras personagens, que se tornaram para muitos, símbolos da manifestação. Nos “ensaios de barraca” ou “sambadas”, organizadas nos terreiros e nas sedes das agremiações, fora do período carnavalesco, os mestres costumam apresentar toda a riqueza de sua poética e capacidade de improviso de forma individualizada ou em confronto com o mestre de outro maracatu. Nestas ocasiões, os folgazões costumam brincar sem as pesadas arrumações, executando um bailado extremamente ágil, com movimentos vigorosos que, não por acaso, muitas vezes faz lembrar as danças



e movimentos de outras expressões populares como o cavalo marinho, a capoeira e as danças de umbigada. A musicalidade é executada por instrumentos de sopro - como trompete e o trombone - e um “terno” - composto pelo bombo, a caixa, o mineiro e a “porca”. Por seu ritmo acelerado, esta musicalidade foi classificada pelo maestro Guerra-Peixe nos anos 1950 como “baque solto”, em comparação ao ritmo considerado mais cadenciado na época dos maracatus nação, ou maracatus de “baque virado”. O maracatu de baque solto é, além disto, uma brincadeira que reúne uma série de elementos sagrados. As religiões de matriz africana, os cultos e rituais de tradição indígena e o sincretismo do catolicismo popular estão muitas vezes presentes nos rituais, nas atividades cotidianas e na forma de seus integrantes se relacionar entre si e compreender o mundo. Por toda esta complexidade, o maracatu é considerado uma das manifestações populares que expressam uma parte importante da riqueza e da diversidade cultural do povo brasileiro. Compreender mais sobre esta importante expressão e respeitar os saberes e as práticas de seus integrantes é fundamental para manter viva esta tradição.



Fotos: Maria Alice Amorim



Foto: Maria Alice Amorim





FESTAS CATÓLICAS PÚBLICAS

Quando chegaram ao Brasil, os primeiros colonizadores portugueses trouxeram consigo as suas devoções aos santos católicos. Não é por acaso, portanto, que as celebrações e festas para os santos católicos são dentre as tradições mais amplamente disseminadas em todo o território nacional. De fato, cidades, municípios e até bairros podem ter um santo padroeiro além de várias devoções a outros santos que se desenvolveram ao longo do tempo.

As celebrações tipicamente são fixas nos calendários oficiais das cidades, tendo assim dias específicos em que as populações e paróquias comemoram os seus respectivos santos todos os anos. E geralmente seguem numa maneira específica de devoção, contemplando, por exemplo, missas, tríduos, novenários, trezenas, procissões, romarias, caminhadas, encenações, festas de largo etc. Na maioria das vezes estas várias atividades sagradas acontecem juntas. Por exemplo, os tríduos, novenários e trezenas são acompanhadas de missas e procissões, sendo que esta última tipicamente abre e fecha o ciclo festivo. Além disso, estas grandes festas quase sempre são acompanhadas de atividades lúdicas e atrações populares nas praças principais das cidades.

O caráter de cada festa e o número de pessoas que participa dela depende da tradição e histórico daquela festa no local específico. Em alguns casos, são festas grandes que duram muitos dias e contam com pessoas tanto do local como de fora. Em outros casos, as festas são menores e contam somente com a população local. Algumas festas são feitas em igrejas da cidade, muitas vezes nas Igrejas Matriz. Em algumas cidades, entretanto, existem santuários em sítios afastados da cidade onde acontecem as festas e que são destinos para romeiros devotos.

Independente do seu caráter variável, todas estas festas públicas são momentos importantes para a vida social e religiosa das populações locais. Elas oferecem momentos de devoção, renovação de fé, interação social e lazer. Ainda mais, as festas são importantes para a expressão da cultura local pois frequentemente durante as festas, as pessoas realizam manifestações culturais da região, sejam estas musicais, teatrais ou outras.

Foto: Augusto Cataldi





CARNAVAL

O Carnaval é uma festa importante em vários sentidos para o povo brasileiro e ocupa um papel central na vida de muitas pessoas. A forma de celebração, as práticas e os significados do Carnaval, entretanto, tendem a variar ao longo do tempo, conforme a localidade e os grupos envolvidos. Esta importante celebração tem sua história vinculada a uma tradição chamada de “entrudo”, trazida pelos portugueses no período colonial. Nos dias que antecediam à Quaresma, homens e mulheres costumavam sair às ruas para brincar com grande êxtase e alegria, jogar água, farinha, pó, limas de cheiro, frutas, lama ou outros materiais e pregar peças e trocar gracejos uns com os outros. Popularmente conhecido como “dias gordos”, neste período de maior liberdade, costumava-se haver um maior consumo de comida e bebida e uma série de outros comportamentos que deveriam ser evitados posteriormente, nos dias que antecediam a Páscoa. Ao longo do tempo, esta celebração foi ganhando novas formas e significados e passou a ser acompanhada pelo surgimento de diferentes tipos de manifestações culturais, que contribuíram para o surgimento das atuais agremiações carnavalescas. De um modo geral, entretanto, percebe-se que o Carnaval está historicamente relacionado

a um período de maior permissividade, alegria e liberdade que, de alguma maneira, contrastam com o cotidiano. Nos dias de Carnaval, há também uma aparente diminuição das fronteiras sociais quando, ilusoriamente ou não, todas as pessoas podem brincar junto umas com as outras numa grande festa.

Muitas vezes, cada indivíduo que participa do Carnaval, veste a sua própria fantasia ou brinca à sua maneira particular, mas, quase sempre, dentro de um universo e uma lógica mais geral, com outros foliões, que representam, se identificam e se confundem com um grupo maior, um bloco, um cordão, uma agremiação, um baile, uma rua, um bairro, uma comunidade, uma localidade, uma região ou mesmo uma nação. Soma-se a isto, o fato de que o Carnaval também possui cada vez mais um importante potencial econômico, por conta da geração de emprego e renda desta celebração, através do turismo, do comércio e da criação de atividades formais e informais.

Em Pernambuco, o Carnaval passou a ser considerada uma importante celebração, em diferentes aspectos, que se realiza, de diversas maneiras, seja nos bailes à fantasia em clubes fechados, seja



Foto: Clélio Tomaz

em vias públicas de modo mais ou menos estruturado pelo poder público. Vale ressaltar que, historicamente, de acordo com os relatos de muitos brincantes, estas atividades pareciam ser realizadas de forma um pouco mais espontânea (ou com um menor nível de intervenção do Estado) nas comunidades de origem, nos engenhos e nos centros das cidades, com o apoio do comércio, dos senhores de engenho e da própria população. Aos, poucos, entretanto, o poder público passou a criar ações de organização, fomento e controle da festa.

Nos dias de Momo, os governos municipais e estaduais costumam criar grandes estruturas, principalmente, nas áreas centrais e em pontos estratégicos das cidades e dos municípios. Nestes locais, os diversos tipos de agremiações carnavalescas se apresentam, desfilam

e estabelecem uma ampla interação com os foliões. Durante o Carnaval em Pernambuco, desta forma, uma expressiva quantidade de clubes de frevo, blocos líricos, maracatus de baque virado, maracatus de baque solto, afoxés, ursos, bois, escolas de samba, papangus, troças, bonecos gigantes e tribos de índio saem pelas ruas, se apresentam em palcos, participam de concursos e/ou desfilam em passarelas para uma grande quantidade de pessoas nas estruturas montadas pelo poder público. Esta forma de celebração pode variar entre os municípios e as agremiações, além disto, muitas vezes, brincam também em suas próprias comunidades de origem, de forma um pouco mais espontânea, junto ao grupo social com quem convive mais cotidianamente. Desta maneira, apesar das diferenças, o carnaval é considerado, de modo geral, um importante patrimônio cultural.



FEIRA LIVRE

As feiras livres, assim como alguns mercados públicos, são espaços que ocupam um papel muito importante na vida e no cotidiano dos moradores de diversas localidades. Seus sentidos vão além das simples relações de compra e venda que são estabelecidas mais diretamente entre os seus comerciantes e compradores.

Espaço de lazer, sociabilidade, conhecimento, disputas, arte, criatividade, dentre outros aspectos, são alguns dos elementos que podem lhe estar associados. Desde a antiguidade, as feiras de troca e de comércio de mercadoria possuem alguns destes sentidos. São locais, por isso, destinados prioritariamente ao encontro, nos quais comerciantes e compradores relacionam-se entre si e com outros indivíduos, estabelecendo diálogos permanentes, transmitindo informações, difundindo novidades, promovendo entretenimento e arte, além de suprir muitas necessidades básicas através da compra e venda de produtos. Comumente, as feiras livres ocorrem em algum dia ou período específico da semana. Nestas ocasiões, agricultores familiares, pequenos comerciantes, prestadores de serviço, artesãos, artistas, dentre outros indivíduos se organizam para montar suas barracas ou bancas com o apoio do Poder Público e levar suas mercadorias nas primeiras horas do dia, de modo a atender à clientela logo ao amanhecer.

Frutas, verduras, raízes, carnes, temperos, animais, cereais, doces, comidas, bebidas, artesanatos, roupas, acessórios, brinquedos, utensílios para o lar, equipamentos eletrônicos, dentre outros artigos podem ser encontrados normalmente nas feiras. Costuma-se também estabelecer uma relação de maior proximidade entre os comerciantes e os compradores em que os feirantes, muitas vezes, indicam determinados produtos, sugerem formas de uso e preparação, negociam o valor das mercadorias e estabelecem uma relação de confiança e amizade com sua freguesia.

Na feira os compradores, além disso, também podem encontrar outras pessoas da localidade, saber das novidades, bebericar, comer e conversar, ouvir e ver apresentações artísticas, se divertir uns com os outros, além de encomendar produtos e adquirir mercadorias a serem trazidas nas próximas feiras.



Foto: Marcos Nascimento

Os produtos de melhor qualidade são normalmente comercializados no início da feira por um valor mais elevado. Ao longo do dia, à medida que os produtos vão sendo comercializados, os valores costumam diminuir para que ao final do dia tudo seja vendido. Após o fim da feira, os comerciantes eventualmente recolhem aquilo que restou e se preparam para migrar para outra localidade de modo a iniciar um novo ciclo de comércio e relações de troca com moradores de outra região.





Fotos: Paulo Maia





REZADORES E REZADEIRAS

Uma das tradições mais comuns no Brasil, sobretudo nos interiores e zonas rurais, é a de rezar curas e tratar aflições com folhas e ervas medicinais. Esta tradição de cura tem uma longa história no Brasil e pode ser encontrada nas suas diversas formas em várias culturas europeias, africanas e ameríndias, além das culturas orientais e outras. No Brasil, as pessoas que praticam estas curas e têm estes saberes tradicionais são conhecidas como rezadores e rezadeiras (ou benzedores/benzedadeiras). Embora tanto homens como mulheres possam exercer este ofício, é cada vez mais comum que seja um ofício feminino. A habilidade de rezar curas é geralmente vista como um dom. Além disso, não é raro que os rezadores e rezadeiras tenham pais, parentes ou vizinhos que também rezam ou rezavam. Mas independente, a eficácia das rezas e súplicas é tipicamente associada à fé em Deus (o deus cristão).

Os rezadores e rezadeiras são detentores de um conhecimento vasto de rezas que tratam de uma diversidade de males que atingem o corpo e a alma do ser humano, tais como quebranto, cobreiro, mau-olhado, espinhela caída, erisipela, vento virado e peito arrotado, além de enfermidades, problemas espirituais, aflições corporais e psicológicas. Os rezadores e rezadeiras quase sempre exercem seu ofício nas suas residências, geralmente atendendo aos “clientes” gratuitamente e, não raramente, aceitando pequenas doações. Os rezadores e rezadeiras são conhecidos nos bairros e cidades onde moram e são procurados por pessoas da vizinhança quando estas se encontram com alguma aflição tratável. Os rezadores e rezadeiras são pessoas que dominam conhecimentos, costumes, hábitos, técnicas, saberes e fazeres que, sem dúvida, constituem um valioso patrimônio local. Estas pessoas representam memórias vivas que, através de suas práticas e rituais de cura, marcam a cultura local, tornando-se símbolos da preservação de valores, experiências e tradições ancestrais.



Foto: Paulo Maia



Dona Dé



Dona Dé

Fotos: Paulo Maia



Maria Asa Branca



FICHA TÉCNICA

IE Garanhuns

Diretor Técnico

Luiz Roberto De Azevedo

Diretor Administrativo Financeiro

Benedito José Pontes Parente

Analista de Meio Ambiente

Luciene Andrade Barbosa

Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN)

Superintendência Regional do Iphan em Pernambuco

Renata Duarte Borba

Acompanhamento técnico -
Superintendência do Iphan em Pernambuco

Giorge Patrick Bessoni e Silva

Associação Respeita Januario

Coordenador Institucional

Carlos Sandroni

Coordenador de Pesquisa

Sandro Guimarães de Salles

Pesquisadores

Jacira de França

Leonardo Leal Esteves

Luiz Eduardo Pinheiro Sarmiento

Márcio Luna

Michael Zenryu Iyanaga

Produção e Organização

Naara Souza Santos

Assistente de produção

Soraya Guimarães

Projeto gráfico

Java Araújo

Diagramação

Isadora Melo

Fotos

Marcos Eugênio Costa do Nascimento

Paulo Maia

Augusto Cataldo

Maria Alice Amorim

Jean Lopes

Josivan Rodrigues

Felipe Peres

Glauco Machado

Homenagem ao amigo Marcio Luna



BENS IMATERIAIS

(identificados no município Lagoa de Itaenga)

Repentisas

Moacir da Silva

Moacir da Barraca ou Mestre Moacir

Edvaldo Antônio da Silva

Edvaldo Zuzu

Escolas de Samba

Grêmio Recreativo Escola Império do Samba

Rezadeira

Dona Domerina Anunciada

Dona Maria Pipiu

Seu Totinha

Celebração católica

Festa de São Sebastião: o mês de janeiro (móvel)

Festa Corrida de Jerico

Primeira quinzena de Setembro

